

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

AS PÉTALAS DO GIRASSOL:
IDENTIDADES E PRÁTICAS DOS PARTIDOS ECOLOGISTAS

FABIANO LIMA DA SILVA CARNEVALE

RIO DE JANEIRO

2006

FABIANO LIMA DA SILVA CARNEVALE

**AS PÉTALAS DO GIRASSOL:
IDENTIDADES E PRÁTICAS DOS PARTIDOS ECOLOGISTAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Rosane Manhães Prado

RIO DE JANEIRO

2006

À minha mãe que, com certeza, é a pessoa mais satisfeita com a conclusão desta monografia.

*Agradeço a paciência da Prof^a Rosane Prado,
a insistência dos amigos
e ao amor da Patricia.*

Resumo

A articulação entre ambientalismo e prática política influenciou a formação de dezenas de partidos que comumente são chamados de “verdes”. A história dos partidos verdes no mundo é uma estrada sinuosa, entrecortada pelas inúmeras traduções que o ambientalismo possui. A partir da historiografia, dos programas e discursos dos partidos ecologistas no mundo, esta monografia apresenta uma análise dos processos de identificação e, principalmente, de diferenciação entre distintas maneiras de pensar o que é ser “verde”.

Sumário

1. Introdução: Os Verdes e as diferenças	11
2. Uma Questão Cósmica: os “ambientalismos” e o ecologismo.....	14
2.1. Do ambientalismo ao ecologismo: a ecologia como idéia política.....	14
2.2. Ecologia, uma questão cósmica.....	15
2.3. O ecologismo como ideologia.....	17
3. Esverdeando a política: história, idéias e práticas dos partidos ecologistas.....	19
3.1. Do ativismo de base à ação institucional: dois momentos históricos.....	19
3.2. Reformistas, Idealistas e Pragmáticos.....	21
4. Os partidos e as pessoas: uma análise de trajetórias.....	29
4.1. Die Grünen (Alemanha): crises da “mãe”.....	29
4.2. Partido Verde Ecologista del México: pragmático e indigenista.....	36
4.3. Green Party of Aotearoa New Zealand (Nova Zelândia): românticos e bons de voto.....	38
4.4. Green Party of Canada: do idealismo ao pragmatismo.....	42
4.5. Percursos sinuosos: situando o ecologismo.....	45
5. Conclusão.....	47
Bibliografia.....	50

Lista de figuras

Figura 1: Partido dos Valores.....	19
Figura 2: Capa de “Além do amanhã”, o segundo manifesto (1975) do Partido dos Valores.....	19
Figura 3: Joschka Fischer depois de ser atingido por um militante.....	34
Figura 4: “Pense antes de votar”: panfleto distribuído em Coromandel , cidade de Jeanette Fitzsimons, contra candidatos da lista dos verdes.....	39

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Tipologia do ecologismo.....	27
---	-----------

Lista de abreviaturas

BUNDESTAG – Parlamento da Alemanha

FPVA – Federação de Partidos Verdes das Américas

GPUS – Green Party of United States (Partido Verde dos Estados Unidos)

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

PEP – Peace and Ecology Party (Partido da Paz e Ecologia)

PV – Partido Verde

PVEM – Partido Verde Ecologista del México

“Se nós não fizermos o impossível, seremos confrontados com o impensável.”

(Petra Kelly)

*Quando, flormortapobre, você esqueceu que é uma flor?
quando olhou sua pele e decidiu que era a velha
suja locomotiva impotente? o fantasma de uma
locomotiva? o espectro e sombra de uma já poderosa
locomotiva americana maluca?
não, girassol, você não foi locomotiva nunca, você foi sempre um girassol!*
(Allen Ginsberg, no poema Sutra do Girassol)

1. Introdução: Os Verdes e as diferenças

Mais de 30 anos após o surgimento do primeiro partido ecologista do mundo, o movimento de ecologia política cresceu e se multiplicou em diversos países do mundo, nos cinco continentes. Os “partidos verdes” ocupam cada vez mais espaços de poder e são forças políticas relevantes em diversos países. Na Alemanha, os verdes locais participaram da coalizão governamental de 1998 a 2005 e nas últimas eleições, conquistaram 8.3% dos votos para o parlamento nacional e 11.3% para o europeu. Na França, apoiaram o governo socialista de Lionel Jospin entre 1997-2002. É a terceira força política da Europa¹. Aqui no Brasil, nas últimas eleições, o partido elegeu 13 deputados federais e 34 deputados estaduais, além de contar com centenas de prefeitos e vereadores².

Ao realizar uma pesquisa sobre candidatos do Partido Verde do Rio de Janeiro nas eleições municipais de 2000, constatei uma dissonância de discursos entre candidatos da Zona Norte e os da Zona Sul. Enquanto nos primeiros, mais conservadores em temas comportamentais, a defesa ambiental tinha mais ênfase, nos segundos, havia uma tendência de ampliar as preocupações do partido para além do meio ambiente. Havia uma fronteira ali que era constantemente demarcada pelos atores envolvidos. E essa fronteira envolvia algo mais além da clássica divisão importada do partido verde alemão entre *Realos* (realistas) e *Fundis* (fundamentalistas)³. A adesão ao partido era pensada de acordo com os valores e costumes envolvidos. Mais do que isso, havia uma forte disputa sobre os significados do que é ser “verde” (CARNEVALE, 2000).

Em outro trabalho, realizado em 2001, sobre as identidades e práticas dos partidos ecologistas pelo mundo, identifiquei três correntes principais de pensamento, que lutam pelas significações do que é ser “verde” e que tipifiquei como “reformistas”, “pragmáticos” e “idealistas” (CARNEVALE, 2001).

Nesse trabalho mostrei que a reunião global dos partidos verdes realizada na Austrália em 2001 expôs divergências e conflitos, mas também similaridades e consensos. Enquanto os

¹ Informação retirada de: http://www.europeangreens.org/cms/default/dok/152/152583.greens_want_to_become_third_political_force_en.htm.

² Ainda assim, o PV não alcançou a “cláusula de barreira”, que estabelece em 5% da votação nacional o limite mínimo para ter direito a tempo de rádio e tv, cota do fundo partidário e funcionamento parlamentar.

³ Os “Realos” e os “Fundis” foram as duas maiores correntes em disputa na primeira década de funcionamento do partido verde alemão. Os primeiros eram identificados como defensores de uma estrutura partidária mais forte para ampliar a ocupação de espaços de poder institucional, enquanto os segundos defendiam os princípios originais da fundação e acreditavam ser mais importante ocupar espaços na sociedade civil do que nos parlamentos.

latino-americanos e africanos – que na sua grande maioria, são avessos a tratar de questões comportamentais e votaram em peso contra a inclusão da questão gay e do aborto na carta final do encontro – defendiam um texto radical que propunha o fim de organizações multilaterais como a OMC e o Banco Mundial, os verdes europeus – históricos defensores dos direitos civis – votavam por um texto mais brando que pedia a reforma em prol de uma sustentabilidade de tais organizações. Dessa forma também foi a votação da política sobre assuntos de defesa e segurança. Enquanto norte-americanos, latino-americanos e africanos defendiam o pacifismo radical, europeus tentavam incluir uma relativização que previa ataques preventivos a países violadores dos direitos humanos⁴.

Nesta monografia tento aprofundar algumas questões levantadas por esses trabalhos. Observada a multiplicidade do movimento, procuro analisar como essa diversidade movimenta os processos que situam e definem o ecologismo como ideologia política.

Aqui neste trabalho, *ecologismo* é entendido como a transposição do *ambientalismo* para a prática política. Dessa forma, *ecologismo* não é *ambientalismo*, já que o segundo é entendido aqui como o conjunto de idéias e práticas que objetivam minimizar/aprimorar as formas de exploração dos recursos naturais do planeta. O *ecologismo* seria a transposição dessas idéias para a ação política.

No capítulo 2, faço um apanhado da ecologia como idéia política, buscando contextualizar os primórdios do ecologismo, e o papel deste como ideologia diferenciada da configuração tradicional da política entre capitalistas e socialistas. No capítulo 3, a partir da história dos partidos verdes, procuro identificar a tipologia proposta e traçar dois momentos históricos distintos nesta disputa de significados. E no capítulo 4, analiso quatro trajetórias partidárias entremeadas por algumas trajetórias individuais que ajudam a clarificar a tipologia proposta, seus percursos, diálogos e articulações.

Boa parte dos dados foi pesquisada na Internet, um espaço privilegiado das discussões sobre ecologismo. E outra grande parte foi buscada em experiências minhas dentro deste movimento. Participo de encontros e reuniões verdes desde 1995 e considero que isso, se na visão de alguns pode prejudicar a discutível “neutralidade” do pesquisador, privilegia o conhecimento de nuances e particularidades internas. Algumas informações são “anotações mentais”, que foram confirmadas através de pesquisas na Internet e sempre que possível, estão identificadas as fontes. Procurei suprir a falta de entrevistas específicas, analisando

⁴ As notas e informações sobre o Global Greens de 2001, foram coletadas por mim durante o evento.

programas, discursos, artigos e matérias de jornais, revistas e sites, e com a experiência acumulada nestes anos dialogando com diversas vertentes do ecologismo.

As relações entre pesquisador e pesquisado na antropologia, é tema recorrente de diversos autores. A minha posição de “pesquisador-nativo”, se a princípio parecia para mim ser um problema, acabou por se tornar um facilitador no processo de identificação e análise das diversas formas de se pensar o que é ser “verde”. A confecção desta monografia foi um constante processo de confronto com minhas próprias idealizações sobre o que seria um “ecologista”, um “verde”. Gilberto Velho afirma que o “processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações”. (VELHO, 1978: p. 45)

A partir daquela primeira pesquisa em 2000, ficou claro que o universo simbólico dos partidos verdes era bem mais amplo e diversificado do que meus preconceitos. Velho afirma que "o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido" (Idem: p.39).

2. Uma Questão Cósmica: os “ambientalismos” e o ecologismo

2.1 Do ambientalismo ao ecologismo: a ecologia como idéia política.

Ainda que as primeiras idéias relacionando ecologia e ação política remetam a pensadores do fim do século XIX e início do século XX (DOBSON, 2000), o movimento de ecologia política ganhou força e notoriedade a partir da década de 1980, com a fundação do Partido Verde da Alemanha Ocidental (Die Grünen – Os Verdes). Os primeiros *ecologistas* articulavam suas idéias com patriotismo e nacionalismo, sendo extremamente conservadores do ponto de vista político e social (Idem), uma abordagem bem diferente dos *partidos verdes*, que surgem a partir das reflexões lançadas pela crise do "socialismo real" e por movimentos contraculturais⁵ emergentes das décadas de 1960 e 1970, como o feminismo e o pacifismo, além do *ambientalismo*. Nesta monografia, tomo esse último período como o precursor da *ecologismo*, entendido como a tentativa de construção de um arcabouço teórico e uma plataforma política *ambientalista*.

As primeiras organizações que construíram plataformas políticas de proteção ambiental surgiram ainda no século XIX (como o notório Sierra Club, dos EUA, em 1892⁶). Entretanto, foi principalmente a partir da década de 1960, que a conscientização sobre a finitude dos recursos naturais influenciou o surgimento de diversas organizações de proteção ambiental. Em geral, essas organizações eram estabelecidas a partir da conexão de problemas locais com questões mais gerais (Ibidem).

O livro “Silent Spring” (1962), de Rachel Carson⁷ e a reunião do Clube de Roma (1968)⁸, são considerados marcos fundadores do ambientalismo moderno (GARRARD,

⁵ Entendo “contracultura” como um movimento de crítica à ordem social estabelecida, destinada a construir novas teorias e práticas sobre culturas e identidade pessoais, incorporando também nesse arcabouço elementos não ocidentais, como a espiritualidade oriental e as organizações sociais indígenas. Para Castells, “é a tentativa deliberada de viver segundo normas diversas e, até certo ponto, contraditórias em relação às institucionalmente reconhecidas pela sociedade, e de se opor a essas instituições com base em princípios e crenças alternativas” (1999: p. 147). Para maiores informações a respeito do tema: <http://en.wikipedia.org/wiki/Counterculture>.

⁶ Para maiores informações sobre o Sierra Club: http://en.wikipedia.org/wiki/Sierra_Club e <http://www.sierraclub.org/>.

⁷ O livro conta a história de uma cidade norte-americana destruída por pesticidas. Misturando ficção e dados científicos, denunciava o uso indiscriminado de DDT (diclorodifeniltricloreto) em plantações. Para maiores informações sobre o livro: <http://www.nrdc.org/health/pesticides/hcarson.asp> e sobre Rachel Carson: <http://www.rachelcarson.org/>.

⁸ O Clube de Roma é um grupo interdisciplinar, fundado em 1968 e responsável pela elaboração do relatório “Limites do Crescimento”, em 1972. Para maiores informações sobre o Clube de Roma: <http://www.clubofrome.org/> e http://en.wikipedia.org/wiki/Club_of_Rome.

2006). O crescimento do interesse público em questões como a poluição do ar e das águas, a ameaça nuclear, a disposição dos dejetos sólidos e a contaminação dos alimentos por pesticidas culminaram em diversas manifestações durante o Dia da Terra em 1970⁹. Em 1972, a ONU organiza a I Conferência Internacional para o Meio Ambiente, em Estocolmo, na Suécia, onde é criado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, PNUMA, o que marca definitivamente a dimensão global alcançada pelas questões ambientais (VIOLA, 1987; HERCULANO, 1992).

O tipo de movimento surgido a partir daí tinha um objetivo maior em comum que era a preservação das diversas formas de vida no planeta. Entretanto, uma das principais características do ambientalismo, desde os seus primórdios, é sua multiplicidade de caminhos e práticas. Dessa forma, é impossível considerá-lo como um todo uniforme e cristalizado.

Portanto, não causa estranhamento o fato de existirem divergências no que diz respeito às subdivisões do ambientalismo (BREDARIOL e VIEIRA, 1998; CASTELLS, 1999; VIOLA, 1987; HERCULANO, 1992, entre outros). Para Viola, há os "fundamentalistas", os "realistas", os "ecossocialistas" e os "ecocapitalistas". Em Castells, há uma primeira divisão entre "ambientalismo" – a ecologia na prática, e "ecologia" – o ambientalismo na teoria, e depois uma tipologia do movimento, que o subdivide em grupos de "preservação da natureza", "defesa do próprio espaço", "contracultura/ecologia profunda", "save the planet" e "política verde". Bredariol e Viera citam 4 diferentes classificações de autores distintos (além do próprio Bredariol, A.C. Diegues, Leonardo Boff e J.A. Pádua).

2.2. Ecologia, uma questão cósmica.

Esse emaranhado de categorias de classificação subdividindo o movimento ecológico é reflexo da multiplicidade de atores e temas envolvidos no pensamento ambientalista. Ao comentar as traduções e apropriações dos temas "ecológicos", Rosane Prado chama de "magia da ecologia" essa diversidade de abordagem do ambientalismo,

⁹ "Nesse dia histórico [22 de abril de 1970], 20 milhões de norte-americanos saíram às ruas, parques e auditórios para exigir um meio ambiente saudável e sustentável. Esse evento marcante levou à criação da Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos e à aprovação da Leis do Ar Limpo, da Água Limpa e das Espécies Ameaçadas. Marcou também o início do movimento ambiental como é conhecido atualmente. O Dia da Terra é agora comemorado por dezenas de milhares de pessoas em quase todos os países e é uma força que conduz à conscientização ambiental em todo o globo." Retirado de: <http://usinfo.state.gov/journals/itsic/0404/ijgp/gi09.htm>.

“no sentido de se tratar de um campo temático que a tudo atravessa ou a tudo pode atravessar, que a tudo diz respeito ou pode dizer, um campo que se sugere, que reúne, concilia, transcende – ou que deve fazê-lo – as mais diversas instâncias em prol de algo maior: a causa-mór da preservação do planeta/vida, que demanda a atenção dos níveis mais locais aos mais globais, do plano mais individual ao mais coletivo” (PRADO, 2000: p. 7).

Ao comentar as críticas recebidas por aqueles que consideravam a defesa ambiental um tema de países desenvolvidos, Fernando Gabeira afirma que, a partir dos problemas ecológicos enfrentados pelo Brasil naquele momento, estava claro que “a Ecologia não era um problema europeu ou norte-americano, pelo contrário, a proposição da Ecologia é de ser exatamente uma questão cósmica” (PÁDUA, 1987: p. 176).

Neste trabalho pretendo classificar como "ambientalismo" todas as traduções do conjunto de idéias e práticas que buscam minimizar o impacto do ser humano no meio ambiente em prol da preservação do planeta, e o "ecologismo" como a tentativa de articular os discursos ambientalistas com ação política, dentro de movimentos político-partidários. Neste sentido, o “ambientalismo” é visto como uma perspectiva cultural e o “ecologismo” como uma tentativa de construir uma ideologia a partir das reflexões lançadas pelo primeiro.

Selene Herculano observa o ecologismo como "um campo de lutas dentro do qual o ideário liberal e o ideário socialista (com todas as suas nuances) continuam a se digladiar". Ainda que reconheça a disposição dos verdes de estar além da esquerda e da direita, para a autora, o ecologismo seria "um campo de lutas entre um capitalismo verde e um eco-socialismo" (HERCULANO, 1992: p. 31).

A autora contrapõe “Verdes” (“ecologistas sociais” ou “ecopolíticos”) aos “eco-capitalistas”. Se para estes últimos o atendimento das necessidades básicas do seres humanos é uma questão de bons negócios, para os “Verdes” tratar-se-ia de uma questão de justiça social, ou seja, teria uma “dimensão ética” (IDEM: p. 33).

Ainda que esteja de acordo com a perspectiva do enfrentamento de posições dentro do movimento ecologista, a redução deste enfrentamento ao campo de lutas tradicional dos ideários de esquerda/direita tende a negligenciar os processos de identificação, diferenciação e singularização que ocorrem com constância dentro dos partidos ecologistas, como será demonstrado ao longo desta monografia.

2.3. O ecologismo como ideologia

Para Geertz, na medida em que a ideologia procura ser simples e clara, distinguindo o bom e o mau, seria importante saber como funcionam a metáfora, o paradoxo, a hipérbole e tantos outros elementos figurativos do discurso. É através da construção de ideologias e imagens esquemáticas da ordem social que o homem faz de si mesmo um animal político. Portanto, para ele, ideologias seriam mapas de uma realidade social problemática, traduzindo a busca de um outro arcabouço simbólico para reagir a problemas políticos (GEERTZ, 1989).

Dobson (2000) afirma que o *ecologismo* como ideologia surge da crença de que a devastação ambiental adquiriu uma dimensão global dentro do escopo de preocupações ecológicas surgidas, principalmente, a partir da década de 1960.

Entendo o *ecologismo* como uma tentativa de construir um arcabouço simbólico diferenciado dos conceitos clássicos de “esquerda” e “direita” em suas categorias, práticas e discursos, para agir dentro da política institucional. Nesse sentido, sustento a hipótese de que é uma ideologia diferenciada do capitalismo e do socialismo. O que não significa que muitas pessoas participantes deste movimento não se identifiquem ou sejam identificadas dentro do espectro “esquerda/direita” e “capitalistas/socialistas”, e constantemente o fazem. Mas, considero importante e significativo o conteúdo dos discursos dos partidos ecologistas que preconizam uma diferenciação desse tipo de classificação ideológica. Um dos mais conhecidos e citados slogans ecologistas é o “nem à esquerda nem à direita, à frente”. Ainda que esse slogan seja uma das controvérsias do ecologismo ele representa bem o espírito do movimento¹⁰.

Dessa forma, considero que a tensão presente nestes partidos entre "progressistas" e "conservadores" não é um mero prolongamento do campo de lutas entre “esquerda” e “direita” mas sim parte de um processo contínuo de construção e posicionamento de uma ideologia. Processo esse que é bem adequado à fragmentação na abordagem do *ambientalismo*.

¹⁰ Esse slogan foi utilizado pela primeira vez por militantes do partido verde alemão, logo na fundação do partido e citado por SPRETNAK, C. CAPRA, F. & Lutz, R.. *Green Politics*. London: Paladin Grafton Books, 1985. Já vi referências a esse slogan oriundos de várias vozes significativas dos partidos. Essa máxima costuma ser interpretada tanto como um chamado à superação da dicotomia política clássica (esquerda x direita) tendo em vista a necessidade de estabelecimento de outras configurações políticas (industrialismo x ecocentrismo, p.ex.), quanto como uma proposta política de “centro”, que atua e intervém nas questões ambientalistas, independentemente da inclinação ideológica dos atores políticos envolvidos, podendo então justificar alianças e parcerias com forças políticas diversas.

Sob a mesma sigla “Partido Verde”, a ambientalista queniana vencedora do prêmio Nobel da Paz, Wangari Maathai¹¹ e o deputado federal por 6 mandatos filho de uma tradicional família da política brasileira, José Sarney Filho¹², atuam politicamente em seus países. Da mesma forma que o partido verde da Letônia elege um primeiro-ministro numa aliança com partidos conservadores¹³, o da Austrália tem alianças com sindicatos e comunidades de base.

Sobre essa diversidade de ações coletivas, políticas e discursos, Castells sustenta que “é justamente essa dissonância entre teoria e prática que caracteriza o ambientalismo como uma nova forma de movimento social, descentralizado, multiforme, orientado à formação de redes e de alto grau de penetração”. E ainda

“que existe uma relação direta entre os temas abordados pelo movimento ambientalista e as principais dimensões da nova estrutura social, a sociedade em rede que passou a se formar dos anos 70 em diante: ciência e tecnologia como principais meios e fins da economia e da sociedade; a transformação do espaço; a transformação do tempo; e a dominação da identidade cultural por fluxos globais abstratos de riqueza, poder e informações construindo virtualidades reais pelas redes da mídia. Na verdade, todos esse temas podem ser encontrados no universo caótico do ambientalismo e, ao mesmo tempo, nenhum deles pode ser claramente discernível em casos específicos. Contudo, [...] há um discurso implícito e coerente que perpassa uma série de orientações políticas e origens sociais inseridas no movimento, e que fornece a estrutura sobre a qual diferentes temas são discutidos em momentos distintos e com propósitos diversos” (CASTELLS, 1999: p. 154).

¹¹ Para maiores informações sobre Wangari Maathai. http://en.wikipedia.org/wiki/Wangari_Maathai e <http://greenbeltmovement.org/>.

¹² José Sarney Filho é filho do ex-Presidente da República José Sarney e irmão da Senadora Roseane Sarney. Deputado pelo Maranhão desde 1983, saiu do PFL (Partido da Frente Liberal) em 2002 e entrou para o Partido Verde, sendo reeleito este ano com 136.873 votos. Para saber mais: <http://www.sarneyfilho.com/>.

¹³ Foi efêmera a experiência do Partido Verde da Letônia no poder. Como a aliança era minoritária, o biólogo Indulis Emsis foi Primeiro-Ministro entre março e dezembro de 2004. Para mais informações sobre o PV da Letônia e Emsis: http://en.wikipedia.org/wiki/Latvian_Green_Party e http://en.wikipedia.org/wiki/Indulis_Emsis.

3. Esverdeando a política: história, idéias e práticas dos partidos ecologistas.

3.1. Do ativismo de base à ação institucional: dois momentos históricos.

Considerado o primeiro partido ecologista do mundo, o Partido dos Valores foi fundado na Nova Zelândia em 1972. Fundado por um grupo ambientalista (United Tasmania Group), o Partido dos Valores disputou a eleição de 72 com propostas como o crescimento econômico e populacional zero, reformas nas leis de aborto, drogas e homossexuais, e lançou o primeiro manifesto ecologista do mundo, chamado *Blueprint for New Zealand - An Alternative Future*.

	
<p>Figura 1: Partido dos Valores</p>	<p>Figura 2: Capa de “Além do amanhã”, o segundo manifesto (1975) do Partido dos Valores</p>

Em 1973, é fundado no Reino Unido o primeiro partido verde da Europa, o *PEOPLE*. Em 1980, na Bélgica francófona surge o *Ecolo*, o primeiro partido verde a conquistar cadeiras num parlamento nacional (5 em 1981). A *versão flamenca* do partido, o *Agalev*, conquistou mais de 50 cadeiras nos parlamentos locais em 1982.

Apesar de não ter sido o primeiro a ser fundado nem o primeiro a conquistar cadeiras em parlamentos, o partido verde da Alemanha Ocidental, Die Grüene (Os Verdes) é considerado como a "mãe dos Partidos Verdes" no mundo, pois foi o primeiro a obter uma grande bancada de parlamentares dentro de um dos países protagonistas da economia

mundial. Os verdes conseguiram repercussão internacional na eleição de 1983, quando conquistaram 28 cadeiras no Bundestag (o parlamento alemão), obtendo quase um milhão de votos. Misturando ativismo social e trabalho parlamentar, os Verdes alemães influenciaram a multiplicação de partidos verdes em quase todo o mundo¹⁴.

No Brasil, a primeira tentativa de formação de um partido ecologista foi em 1981 com o Partido Ecológico, projeto que não foi realizado. Em 1985, um grupo de ex-exilados políticos - capitaneados por Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis, Carlos Minc, Herbert Daniel e Liszt Vieira – começou as discussões sobre a criação de um partido ecologista, que foi concretizada em 1986 na candidatura de Gabeira para governador e com a oficialização do Partido Verde em 1987¹⁵.

É possível considerar dois momentos distintos na história dos partidos verdes no mundo. O primeiro é a fase que vai de 1972 a 1991, com a derrota dos verdes alemães nas eleições parlamentares. A segunda fase é a que começa em 1991¹⁶ e se estende até os dias atuais. No primeiro momento há um profundo sentimento de mudança radical da sociedade e da construção de partidos com organização horizontal e sem líderes. No segundo, há uma perspectiva de que a “realidade” havia atropelado as ilusões e de que é mais importante gerenciar a crise ambiental através de mecanismos governamentais de controle do que ficar apegado a uma “ecotopia”, sem retorno prático para a efetiva proteção ecológica. E ainda de outra forma, no primeiro é mais importante mudar os modos de produção, no segundo é mais importantes controlá-los, submetê-los a uma lógica de proteção e preservação dos recursos naturais.

É a partir do fim da primeira fase que cresce o campo de disputa entre correntes distintas pela construção dos significados do que é ser “verde”. As discussões surgidas a partir das derrotas eleitorais e a conseqüente perda de influência nas esferas de poder institucional, significavam o início de uma revisão de princípios fundadores e uma ampliação da

¹⁴ Para maiores informações sobre os verdes alemães, ver CAPÍTULO 4.

¹⁵ Para maiores informações sobre a formação do Partido Verde brasileiro, recomendo: GABEIRA, Fernando. **Diário da Salvação do Mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo, 1987 e _____. **A idéia de um Partido Verde no Brasil** In: (PÁDUA, 1987).

¹⁶ Considero como marco inicial da segunda fase, a Convenção dos Verdes alemães, realizada em abril de 1991, em Neumünster, Hamburgo, logo após a derrota eleitoral nas eleições nacionais daquele ano. Minha opção se deve ao fato de ter sido nessa convenção que a disputa entre realistas e idealistas atingem seu cume no PV alemão, com o rompimento dos *Fundis* e a adoção de reformas estatutárias visando adequar a estrutura partidária à dinâmica eleitoral, com o fim da histórica divisão entre direção partidária e grupo parlamentar. (ver capítulo 4).

perspectiva de construir alianças com outros atores políticos, algo inaceitável para uma parcela dos verdes¹⁷.

3.2. Reformistas, Idealistas e Pragmáticos

Geertz (1987) afirma que “uma comunhão de percepções ideológicas pode unir os homens, mas pode provê-los, também, (...) de um vocabulário por meio do qual explorar mais tendenciosamente as diferenças entre elas”. Como observado, a partir das histórias de conflitos, divergências e fragmentação dos Partidos Verdes, é impossível considerar os "verdes" como um movimento homogêneo. A crescente complexificação do movimento vem ampliando as divergências entre seus participantes. Existem fronteiras entre partidos e políticos ecologistas que muitas vezes são difíceis de distinguir, devido ao seu caráter fluido. Porém, as diferentes concepções de estratégias e ações políticas aclaram a distância entre três grupos que identifiquei como "pragmáticos", "idealistas" e "reformistas". Ainda que compartilhem de um pensamento ambientalista mais geral, essas três correntes divergem em questões como a organização interna, as liberdades individuais, propostas econômicas, de segurança e estratégias políticas.

Classifico como "idealistas" aqueles que são fiéis aos programas originais do ecologismo e não admitem rever temas considerados caros ao movimento, como as liberdades individuais, a democracia direta nem a flexibilização da oposição à categorias como "sociedade de consumo", "capitalismo", "conservadorismo" ou "industrialismo" em nome de resultados eleitorais mais expressivos ou postos governamentais. São críticos da economia de mercado e defendem organizações descentralizadas e sem estruturas de poder que verticalizem a tomada de decisões. Como a senadora australiana Kerry Nettle, que no seu primeiro discurso como parlamentar disse que havia se interessado pelos Verdes, porque os via como um

“partido político que foi construído por ativistas comunitários (...) e que trouxeram uma abordagem ativista ao trabalho que faziam no parlamento e também na comunidade. Eu defino essa abordagem ativista como a crença de que uma mudança social progressiva é não somente possível como vitalmente necessária. Eu vejo essa abordagem refletida no trabalho dos parlamentares verdes nas câmaras pelo

¹⁷ É o caso, entre outros, do PV brasileiro e do PV canadense, que sofreram durante a década de 1990, alterações significativas de direção e estatutos internos.

país e em todos os continentes. Parlamentares verdes são ativistas comunitários antes de entrarem para esse parlamento e trazer essa energia, paixão e comprometimentos ao seu trabalho parlamentar”¹⁸

Como "reformistas", considero os ecologistas que flexibilizam questões "clássicas", por reconhecer a necessidade de reconfiguração do discurso político e da composição de alianças eleitorais em prol de uma maior inserção dos verdes nos governos e parlamentos, sem abandonar bandeiras caras ao ambientalismo. Costumam ser defensores de uma economia de mercado voltada para o “desenvolvimento sustentável”, entendido como uma articulação entre justiça social, crescimento econômico e preservação ambiental.

É o caso de Joschka Fischer, militante marxista na década de 1970, foi um dos fundadores do partido verde alemão e compôs a histórica bancada parlamentar de 1983¹⁹ e foi protagonista de um dos fatos mais marcantes da época quando, em 1984, ao falar para o então vice-presidente do Parlamento afirmou: “*com todo respeito, Sr. Presidente, mas você é um babaca*”. Como dirigente partidário, tornou-se o principal líder dos verdes e um dos principais nomes da oposição aos democratas-cristãos. Considerado carismático e com discurso bem articulado, foi o principal defensor e formulador da aliança verde-vermelha que governou o país entre 1998 e 2005 e defendeu a flexibilização de temas tradicionalmente identificados com os verdes em nome da coalizão. Com o fim da coalizão e a volta dos verdes para a oposição, declarou que “Há 20 anos, eu troquei minha liberdade pessoal pelo poder (...)[,] agora eu quero minha liberdade de volta”.²⁰

Como "pragmáticos", tipifico os que costumam ser conservadores em questões comportamentais, como as políticas para homossexuais, a legalização do aborto e das drogas. Defendem estratégias políticas mais pragmáticas, visando a obtenção de resultados eleitorais expressivos e a participação do partido em governos, através da disputa por cargos públicos. Em geral, são "novos ambientalistas"²¹, principalmente políticos "tradicionais" sensíveis às causas de defesa do meio ambiente, seja pelas idéias ou pelos votos (ou os dois). Costumam ser liberais na economia, e rejeitam modelos horizontais de organização, por considerá-los fracos e inadequados frente ao sistema eleitoral. Surgem a partir da flexibilização promovida pelos “reformistas” em nome de resultados eleitorais mais consistentes e/ou pela necessidade

¹⁸ Tradução livre feita por mim do discurso retirado de: <http://www.kerrynettle.org.au/>.

¹⁹ Para maiores informações sobre os verdes alemães, ver Capítulo 4.

²⁰ Para maiores informações sobre Joschka Fischer: http://en.wikipedia.org/wiki/Joschka_Fischer e <http://www.signandsight.com/features/380.html>.

²¹ Identifico como “novos ambientalistas”, os que aderiram ao ecologismo após a popularização do ambientalismo e que não possuem identificação com os precursores do movimento.

de adequar os partidos aos sistemas políticos nacionais, que, em grande parte, limitam a participação de partidos sem representação eleitoral consistente.

Juntamente com as formas de organização interna, as questões comportamentais são as que tendem a causar mais polêmica, pois atuam diretamente na estrutura de valores e costumes dos eleitores que os partidos pretendem atingir. Considerados “ruins de voto” (KUSCHNIR, 1999), esses temas são alvo de debates apaixonados entre “idealistas” e “pragmáticos” e representam um importante ponto de tensão dentro dos partidos verdes. Os “reformistas” tendem a ter posições próximas dos idealistas nessa questão, mas também concordam que é preciso buscar caminhos menos impactantes para dialogar com o eleitorado.

Além das questões comportamentais, nos últimos anos, os maiores pontos de conflito entre as correntes têm sido em relação à revisão de propostas tradicionais do movimento, como o pacifismo radical e a oposição ao *establishment*. Assumindo postos de governos em diversos países do mundo, os verdes não repetiram nos governos a ousadia apresentada nos parlamentos.

Desde a década de 1990, são comuns alianças entre “pragmáticos” e “reformistas” nas disputas em eleições internas, o que alterou profundamente as formas de atuação e direção dos partidos verdes, assim como precipitou divisões e rompimentos. Rompimentos como o ocorrido no ano passado, quando o Partido Verde canadense – depois de um intenso processo interno em que optou por privilegiar a perspectiva eleitoral com a adoção de novas regras internas e plataformas – sofreu uma cisão com a criação do pequeno PEP (Partido da Paz e Ecologia), que acusa a antiga legenda de ter dado uma “guinada para direita” (ver capítulo 4).

Ou como ocorreu com o partido verde alemão, que após perder suas cadeiras no *Bundestag* em 1991, sofreu profundas mudanças lideradas por “reformistas”, revendo e/ou flexibilizando algumas questões tidas como “polêmicas”, e participou de todo o governo social-democrata de Gerhard Schröder, com o líder ecologista Joschka Fischer no cargo de Ministro das Relações Exteriores, não sem muitas críticas dos “idealistas” (conhecidos como *fundis* na Alemanha). Já nos primeiros meses de governo, um dos pilares da fundação dos verdes foi revisto em nome da coalizão. A desativação imediata dos reatores nucleares foi flexibilizada e o partido apoiou o cronograma de 20 anos estabelecido pelo governo, o que garantiu o funcionamento dos reatores até o fim de sua vida útil, gerando barulhentos protestos dos “idealistas” (ver capítulo 4).

Como a prática política de cada partido está influenciada pelos seus fundadores e dirigentes, os próprios partidos também estão sujeitos a esse tipo de recorte, tendendo sempre para um ou outro lado. Obviamente, este recorte corresponde a tipos ideais e são muitas as interconexões entre esses tipos nas trajetórias do ecologismo e dos verdes. Ainda assim, os verdes constroem e reconstróem seus programas e práticas de acordo com e a partir da inclinação política majoritária de seus dirigentes para um ou outro dos "tipos" de ecologistas descritos acima.

O Partido Verde Ecologista do México seria um partido “pragmático”. Comandado por um grande empresário e seu filho, esteve na aliança que elegeu o candidato de centro-direita Vicente Fox e rompeu logo após não conseguir os cargos desejados. Neste ano, disputou as eleições aliado ao tradicional e conservador PRI²²; o Partido Verde da Nova Zelândia, que já teve parlamentar rastafari²³ e possui uma bancada composta basicamente de ativistas radicais, seria um partido “idealista”; o Partido Verde brasileiro seria um exemplo de partido “reformista”, com ações significativas em cima de bandeiras ambientalistas, mas ainda trazendo no seu programa propostas fiéis ao “princípios fundadores”, como a legalização do aborto e uma nova política de drogas.

No geral, com a ampliação da influência do pensamento ambientalista na sociedade – seja com a adoção de tecnologias não-poluentes pelas indústrias, pelo financiamento de grandes corporações a projetos ambientais ou ainda pelas atitudes individuais, como a separação do lixo realizada por cada vez mais pessoas – reduziu-se a rejeição de boa parcela dos verdes (reformistas, pragmáticos e até alguns idealistas) ao empresariado e houve um relaxamento na crítica ao “capitalismo”. Onde, no primeiro momento havia crítica e contestação passou a haver flexibilidade e mesmo cooperação.

A inclusão de parcela do empresariado e de outros setores da sociedade nos debates ambientais contribuiu para expandir o campo de atuação do movimento ecologista. Com a massificação de temas ambientais, aumentou a disposição de políticos tradicionais de buscar votos utilizando conceitos oriundos do ambientalismo como o “desenvolvimento sustentável” e a “qualidade de vida”, bem como ampliaram-se as disputas de significados destes conceitos. A necessidade de ampliar a participação eleitoral também abriu as portas dos partidos verdes

²² O Partido Revolucionário Institucional foi o partido de que deteve o poder durante 75 anos (1925-2000) no México.

²³ Adeptos do rastafarianismo, movimento religioso surgido da Jamaica, conhecido pela identificação com o estilo de música “reggae”, as longas tranças embaraçadas dos seus adeptos (a chamadas *dreadlocks*), e o consumo ritual de maconha.

a um grupo de novos filiados bem diversificados na sua formação e orientação política, fugindo do perfil clássico do militante ambientalista, pacifista e engajado que historicamente havia formado esses partidos. Pouco identificados com bandeiras clássicas do ecologismo, os “pragmáticos” pretendem aumentar os espaços de poder do partido e ampliar a sua representação eleitoral a partir de uma estratégia eleitoral focada em temas ambientais “populares”, como o “desenvolvimento sustentável” e a “qualidade de vida”.

Como em muitos países a sobrevivência da estrutura partidária depende de bons resultados eleitorais, os “pragmáticos” conquistaram espaços e assumiram cargos de direção partidária, no geral em alianças com “reformistas”, que buscam a permanência e competitividade do partido no sistema democrático. Esses “reformistas” tendem a se manter fiéis a pontos caros ao ecologismo mas sempre estão dispostos a dialogar com uma gama maior de interlocutores, dentro e fora do partido.

O diálogo entre essas correntes, mesmo quando fracionam e provocam rupturas, contribui para situar e consolidar o ecologismo como ideologia, pensada a partir dos termos propostos por Geertz e apresentados no capítulo 2. Os “pragmáticos” colaboram para a difusão de propostas ambientais entre diversos segmentos da sociedade, pois costumam ter maior inserção no eleitorado conservador, universalizando o raio de influência do ambientalismo. Os “idealistas” contribuem com a manutenção de temas clássicos e ajudam a manter a aura de romantismo que o movimento carrega em muitos países e a dinamizar as relações internas cobrando e protestando. Os “reformistas” contribuem como referência interna e externa, bem como têm papel fundamental na burocracia partidária, na mediação de conflitos entre correntes divergentes e na ocupação de cargos públicos.

Espalhados em diversos países do mundo e acreditando na necessidade de também agir conjuntamente em temas considerados “globais”, representantes de partidos verdes de 86 países, reuniram-se oficialmente pela primeira vez em 2001, na Austrália. O principal objetivo do evento foi a aprovação da Carta Verde Global²⁴, que resultou também na criação de uma Coordenação Verde Global, uma tímida e pouco ativa “Internacional Verde”. Entretanto, a aprovação da Carta (que se pretende como “a definição do que é ser verde no novo milênio”) não foi realizada de forma pacífica nem consensual²⁵.

²⁴ A Carta Verde Global pode ser encontrada em <http://www.verde.org.br/carta.htm>

²⁵ As referências a este encontro baseiam-se em observações feitas durante a realização do mesmo, em abril de 2001.

“Saber ecológico”, “justiça social”, “democracia participativa”, “não-violência”, “sustentabilidade” e “pluralidade” permaneceram como os cinco pilares básicos do programa global dos verdes, sendo aprovados por consenso. As divergências mais acirradas ocorreram por conta do debate sobre economia e segurança.

Temas como o Banco Mundial, o FMI e a OMC necessitaram de recontagem dos votos, tamanha a divisão dos delegados partidários. Os representantes europeus se opuseram à proposta da Federação de Partidos Verdes das Américas (sem as assinaturas dos representantes dos EUA e do Canadá) de apoio à extinção dos órgãos financeiros. Rejeitada tal proposta, por ampla maioria dos participantes, acabou sendo aprovado o texto dos verdes estadunidenses apoiando a extinção dos organismos “a menos que sejam reformulados” dentro dos princípios da “sustentabilidade”. Os europeus defendiam a supressão do apoio à extinção e perderam por apenas um voto.

No capítulo “Paz e Segurança” da Carta, foi aprovada a proposta europeia de apoio a intervenções militares da ONU em países onde existam violações comprovadas de direitos humanos e caso sejam esgotadas todas as vias diplomáticas. Segundo o texto aprovado, os verdes apoiam que “o uso de força pode ser justificado se significar o único meio de prevenção contra a continuidade da violação dos direitos humanos e sofrimento”.

Poucas questões comportamentais entraram na Carta Verde internacional, demonstrando que a diferença entre as diversas correntes do movimento se acentua nestas questões. O direito ao aborto e os direitos dos homossexuais foram incluídos, mas sem o apoio dos verdes mexicanos e dos africanos. Uma questão clássica do ecologismo, a política liberal de drogas, foi deixada de fora até das discussões. Esses fatos reafirmam a fronteira entre diferentes concepções de abordagem do ecologismo. Se para uns é uma questão que engloba vários aspectos da vida social, para outros o papel da ecologia política está vinculado a temas de proteção e defesa dos recursos naturais, considerados mais universais e abrangentes. As diferenças entre esses grupos são também diferentes maneiras pelas quais esses ativistas pensam e interagem com o pensamento ambientalista.

Tabela 1 – Tipologia do Ecologismo

	Objetivos	Formas de Ação	Práticas Internas	Identificações
Idealistas	<ul style="list-style-type: none"> - substituição dos meios de produção e consumo; - alcançar uma sociedade “ecocêntrica”, baseada na autogestão e democracia direta; 	<ul style="list-style-type: none"> - protesto, ativismo social, ação direta; participação eleitoral com “anti-candidaturas”; - acreditam no poder de uma minoria anti-sistêmica; - identificam-se com movimentos de esquerda radical. 	<ul style="list-style-type: none"> - democracia direta, rotatividade de poder, protestos midiáticos, - rejeição a reformas de temas considerados “clássicos”; - rejeição a entrada de políticos ditos “tradicionais” nos partidos. 	<ul style="list-style-type: none"> - “românticos”, “radicais”, “fundamentalistas”, “sonhadores”.
Reformistas	<ul style="list-style-type: none"> - reforma dos meios de produção e consumo; - ampliar a consciência ambiental das pessoas; 	<ul style="list-style-type: none"> - trabalho parlamentar, postos governamentais; - defendem a criação de mecanismo de controle sobre a exploração dos recursos naturais; - defendem a superação da dicotomia esquerda-direita como justificativa para alianças amplas. 	<ul style="list-style-type: none"> - consolidação do poder interno a partir de alianças com outras correntes; revisão de temas clássicos em nome de maior inserção eleitoral e de alianças políticas; - aceitação de políticos de perfil tradicional em nome da “pluralidade”; 	<ul style="list-style-type: none"> - “entreguistas”, “revisionistas”, “traidores”.
Pragmáticos	<ul style="list-style-type: none"> - defesa ambiental, com a ampliação da base eleitoral e da ocupação de espaços de poder; 	<ul style="list-style-type: none"> - propostas e ações “ambientalmente corretas” com ênfase no crescimento eleitoral do partido; - defendem um 	<ul style="list-style-type: none"> - ênfase na temática ambientalista popular como “des. sustentável” e “qualidade de 	<ul style="list-style-type: none"> - “eleitoreiros”, “antiecológicas”, “oportunistas”, “aventureiros”.

		“capitalismo ecologizado”.	vida”; revisão de temas considerados “ruins de voto”;	
--	--	-------------------------------	--	--

4. Os partidos e as pessoas: uma análise de trajetórias.

A complexidade das relações, singularizações, identificações e diferenciações entre os três tipos apresentados no capítulo anterior não pode ser apreendida apenas nos programas partidários. A análise das trajetórias partidárias e individuais, contribui para aprofundar a identificação da tipologia proposta, bem como compreender os processos que envolvem uma intensa disputa de categorias e significados. É o que veremos nos itens que se seguem.

4.1. Die Grünen (Alemanha): crises da “mãe”.

No final dos anos 1970, ambientalistas e pacifistas se organizaram politicamente sob o nome Die Grünen (Os Verdes). Em janeiro de 1980, o partido foi oficialmente fundado, trazendo no seu programa eleitoral uma contundente oposição à poluição industrial, ao uso da energia nuclear e à estratégia militarista da OTAN.

Em 1982, sofreu sua primeira dissidência, quando o grupo mais conservador do partido saiu para formar o Partido Ecológico Democrático. As divergências do grupo dissidente diziam respeito, principalmente, a uma diferenciação no formato de atuação majoritário do partido, em que a desobediência civil e o protesto tinham papel de destaque²⁶.

Na eleição de 1983, o partido conquistou os necessários 5% dos votos para entrar no Bundestag, a câmara baixa do parlamento alemão, com um programa radical, que incluía a retirada da então Alemanha Ocidental da OTAN e a desmobilização do exército alemão. Em entrevista ao jornal *Estado de S. Paulo* de 5/12/1982²⁷, o líder do partido no Estado de Hesse, declarou reconhecer que esses objetivos dificilmente seriam alcançados pois não tinha “ilusão” de que o partido um dia fosse chegar ao poder, mas achava que os Verdes poderiam “criar uma consciência social de que é necessário introduzir reformas importantes no modelo alemão (...) A conservação do meio ambiente não pode ficar isolada de um contexto maior”. A mesma matéria aponta para a preocupação do empresariado alemão com o crescimento eleitoral dos Verdes e com a entrada no debate público da questão nuclear e o conseqüente

²⁶ Para maiores informações sobre o Partido Ecológico Democrático, ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Ecological_Democratic_Party.

²⁷ As informações sobre os verdes alemães foram retiradas de: http://en.wikipedia.org/Die_Grunen e de http://www.globalgreens.info/history_by_party.php. As referências a jornais deste capítulo foram retiradas de: *Revista Pensamento Ecológico*, número 23, de janeiro de 1987.

retardamento do programa nuclear alemão. No jornal *Folha de S. Paulo* de 12/12/1982, um relato de uma convenção dos Verdes que apontava a preocupação em atuar dentro do sistema para “subvertê-lo” e que para se prevenir contra o “perigo real” de se tornar parte do sistema, os Verdes “recusam admitir o surgimento de políticos profissionais em seu meio (...) ninguém poderia ocupar um cargo de direção no partido por mais de dois anos”. A regra também se aplicava aos ocupantes de cargos públicos.

Com uma bancada de 27 parlamentares, os Verdes prometiam “romper com todos os tradicionais elos da política, com os lobbies dos mais diversos setores” (Assis Mendonça, *O Estado de S. Paulo*, 13/3/1983). O mesmo autor identifica que, apesar do otimismo e dos ideais de levar a “mobilização popular (...) para dentro do parlamento”, “dentro do próprio movimento (...) existem correntes diversas e questões pendentes, que dificultam qualquer passo nesse sentido”. Essas correntes seriam os “ecólogos” (que depois ficaram conhecidos como *Fundis*), que priorizavam a defesa do meio ambiente e se opunham às alianças com partidos “tradicionais”, e os “socialistas” (mais tarde conhecidos como *Realos*), que davam mais ênfase na garantia da “paz social” e melhor distribuição de renda e consideravam possível alguma cooperação com a social-democracia. Nessa primeira bancada de parlamentares verdes, estavam o advogado Otto Georg Schily e o antigo líder estudantil Hans-Christian Ströbele²⁸.

Schily ficou conhecido na década de 1970 como defensor de diversos membros da organização terrorista de extrema esquerda Fração do Exército Vermelho, também conhecida como Baader-Meinhof. Schily se filiou ao recém-fundado Partido Verde em 1980. Ströbele foi líder estudantil no anos 1960 e de 1970 a 1974 foi membro da social-democracia (SPD). Ele foi um dos fundadores da “Lista Alternativa para a Democracia e Proteção Ambiental”, predecessora do Partido Verde.

Já no primeiro mandato, questões como a rotatividade de 2 anos proposta aos ocupantes das cadeiras verdes foram reavaliadas. Com uma bancada formada por políticos amadores, ficou constatada a necessidade de se habituar ao trabalho legislativo. Os críticos da rotatividade argumentaram que justamente quando os parlamentares passavam do período de “adaptação”, eram substituídos por outros mais inexperientes e que tinham que recomeçar o processo, atravancando as possibilidades do mandato. A norma foi cumprida, já que 55 verdes passaram pelas 27 cadeiras. E retirada para a próxima eleição. Porém, ainda de acordo com o

²⁸ As informações sobre Georg Schily e Hans-Christian Ströbele foram retiradas, respectivamente, de: http://en.wikipedia.org/Georg_Schily e http://en.wikipedia.org/Hans-Christian_Strobele

princípio da rotatividade, Schily e Ströbele foram substituídos em 1985, sendo que o primeiro voltou na lista de 1987, já sem a rotação obrigatória.

Com o aumento da percepção da questão ambiental na Europa, principalmente após o acidente de Chernobyl, e o crescimento da poluição atmosférica nas grandes cidades, responsável por chuvas ácidas ocorridas em florestas alemãs, os Verdes ampliaram seus votos de 5.6% para 8.7% da preferência do eleitorado em 1987, conquistando 44 cadeiras, sendo mais da metade ocupadas por mulheres, um fato inédito na história da política europeia e, provavelmente, da política mundial.

Foi ainda em 1987, que os Verdes participaram da coalizão de governo no estado de Hessen, ironicamente chamada de “semáforo” (os vermelhos – social-democratas, os amarelos – liberais, e os verdes). Joschka Fischer, ex-militante radical, participante de confrontos com a polícia na década de 1970, assumiu o ministério do meio ambiente desse estado.

Foi durante esse período que os debates entre os *Reals* e os *Fundis* se aprofundaram. Entre os *Reals*, estava, além de Fischer, Daniel Cohn-Bendit, líder estudantil nas manifestações de Paris em maio de 1968. Representando os *Fundis*, Petra Kelly²⁹, uma das mais conhecidas teóricas dos verdes. A principal questão girava em torno da possibilidade de alianças eleitorais com a SDU. Os primeiros defendiam que não era possível ser um partido de protesto para sempre e que alianças com a social-democracia contribuiriam para difundir as questões ambientais. Os segundos acreditavam que a participação em alianças de governo levaria o partido a uma série de concessões que minariam o seu caráter alternativo e anti-sistêmico.

Árduo defensor da aliança entre verdes e social-democratas, Schily sofreu fortes ataques dos *Fundis* e rompeu com o partido em 1989, renunciando a sua cadeira no parlamento. Foi para o partido social-democrata (SPD) e por esse partido voltou ao parlamento em 1991. Ströbele virou o porta-voz masculino do partido.

Nesta primeira eleição após a reunificação da Alemanha, no fim de 1990, os Verdes – que haviam se posicionado contra a reunificação devido ao caráter descentralizador e antinacionalista do partido – não ultrapassaram o limite de 5% dos votos imposto pela

²⁹ Petra Kelly morreu em circunstâncias trágicas, aparentemente assassinada pelo também ecologista histórico e seu companheiro por mais de uma década, Gert Bastian que se matou em seguida. A morte de Petra Kelly e Gert Bastian ainda é considerada uma incógnita para muitos. Para maiores informações sobre Petra Kelly: http://en.wikipedia.org/wiki/Petra_Kelly.

legislação do país, ainda que, por uma regra exclusiva daquele ano separando a barreira dos 5% entre a parte ocidental e parte oriental, a aliança dos Verdes tenha conquistado (algumas) cadeiras. Isso só ocorreu devido a uma coalizão na parte oriental, com um grupo de ativistas de direitos civis chamados “Bundnis (Aliança) ‘90”.

A derrota eleitoral levou o partido a um profundo questionamento sobre temas e posicionamentos considerados “clássicos”. A divisão entre *Fundis* e *Realos* foi trazida ao centro dos debates internos, com a visão dos segundos emergindo como vitoriosa. A Convenção partidária de abril de 1991 ratificou uma série de reformas propostas pelos *Realos*³⁰.

Sob o tenso clima pós-eleitoral, uma corrente liderada pelos *Realos* e outra reunida sob a corrente “*Fórum de Esquerda*” (uma aliança entre *Fundis* e “*ecossocialistas*”) concordavam que o partido deveria mudar depois da derrota, sendo que os primeiros queriam uma estrutura de um partido parlamentar ecologista e os segundos queriam aprofundar a descentralização e o papel de partido “anti-partido”, mais voltado para o trabalho de base com os movimentos sociais do que para a ação institucional. As teses apresentadas inicialmente pelas duas facções receberam 50% dos votos cada, sendo aprovado um texto híbrido, que continuou apontando o caráter de “esquerda” do partido mas já apontava para reformas que deveriam adequar o partido a nova realidade eleitoral da Alemanha unificada.

Um momento alto para os *Fundis*, foi a ovação do público para Hans-Christian Ströbele, que poucos meses antes havia sido forçado a renunciar ao seu cargo de porta-voz, depois de declarar que os ataques terroristas em Tel-Aviv eram resultados diretos das políticas israelenses com a Palestina.

No segundo dia da Convenção, os *Realos* conseguiram aprovar significativas reformas na estrutura partidária, como o fim da rotatividade nos cargos da Executiva e a abolição definitiva da rotatividade entre os parlamentares, já parcialmente abandonada em 1987. A Executiva foi reduzida de 13 para 9 membros e o número de porta-vozes de 3 para 2. Pela primeira vez, foi dado poder interno aos grupos parlamentares nas direções estaduais, encerrando a clássica divisão entre parlamentares e a estrutura partidária. Vale ressaltar que essas alterações foram aprovadas por mais de 2/3 dos 680 delegados presentes na Convenção.

³⁰ É pequena a bibliografia sobre a Convenção. Alguns dados descritivos puderam ser coletados no relato de Sally Low, correspondente do *Green Left Weekly*, semanário ecologista da Austrália, que esteve presente: **German Greens conference ends in stand-off**, *Green Left Weekly* #13, de 22 de maio. O artigo é um relato passional visto por uma idealista, que observou uma luta entre uma possível “esquerda” partidária contra a “direita”.

No decorrer do processo, segundo Sally Low, muitos delegados não pertenciam a nenhuma das duas facções e decidiam seus votos durante os debates. Apesar da intensa luta política, as discussões transcorreram sob regras democráticas e claras.

No terceiro e último dia, houve as eleições para porta-vozes³¹. Na primeira votação (para a porta-voz mulher), Christine Weiske, apoiada pelo “*Fórum de Esquerda*”, venceu Antje Vollmer (líder da facção pragmática “*Novas Direções*”, aliada aos *Realos*) por 344 votos a 263. Uma das líderes ecologistas mais notórias do mundo, Petra Kelly (dos *Fundis*) obteve apenas 39 votos. Na segunda eleição (para o porta-voz homem), trouxe mais surpresa ainda com a vitória de Ludger Volmer, do “*Fórum de Esquerda*” por 329 votos a 290 de Hubert Kleinert, candidato dos *Realos*.

Mesmo após essas duas derrotas dos *Realos*, os *Fundis*, descontentes com os rumos partidários há alguns anos, anunciaram sua saída do partido, abrindo uma imensa faixa com os dizeres: “*Bem-vindo novo homem verde – capitalista, hierarquista e estatista*”. Entre lágrimas de antigos simpatizantes, a ex-porta-voz dos verdes Jutta Ditforth, proeminente integrante dos *Fundis*, disse que aquele “não era mais o nosso partido”.

A partir daí o partido acumulou uma série de resultados eleitorais expressivos em eleições locais e em 1994, a coalizão Verdes/Aliança '90 ficou com 7.3% dos votos nacionais, conquistando 49 cadeiras.

Depois de uma pequena queda na sua porcentagem em 1998 (6,7%, 47 parlamentares, entre eles Hans-Christian Ströbele, voltando ao parlamento), os Verdes aderiram à coalizão com a Social-Democracia e Joschka Fischer virou vice-Chanceler e Ministro das Relações Externas, além de outros dois ministros verdes³². Logo após a posse do novo governo, em 1999, o partido enfrentou uma crise interna ocasionada pela questão da participação da Alemanha nas ações da OTAN no Kosovo. Vários militantes pacifistas renunciaram as suas filiações partidárias quando o primeiro envio de tropas alemães para um conflito externo desde a II Guerra Mundial ocorreu sob um governo Verde. Nesta época, o partido enfrentou diversas derrotas em eleições locais e regionais. A decepção com o partido aumentou também entre os militantes oriundos do movimento anti-nuclear, quando o plano de fechamento das usinas nucleares foi preterido pela Social-Democracia.

³¹ Os verdes alemães possuem dois porta-vozes que representam o partido para a sociedade, sempre um homem e uma mulher.

³² Os outros ministros eram Renate Künast (Ministro de Proteção ao Consumidor, Nutrição e Agricultura), e Jürgen Trittin (Ministro do Meio Ambiente).



Figura 3: Joschka Fischer depois de ser atingido por um militante.

Neste ano, Otto Schily tornou-se Ministro do Interior do governo da “aliança verde-vermelha” e foi criticado por implementar políticas consideradas conservadoras, como a lei anti-terror alemã aprovada após os ataques terroristas a Nova York em 11 de setembro de 2001.

Em 2001, uma crise ainda maior irrompeu quando alguns parlamentares e dirigentes verdes se opuseram ao plano do governo de enviar soldados para ajudar na invasão do Afeganistão comandada pelos EUA. O chefe de governo Gerhard Schröder pediu um voto de confiança ao parlamento e quatro parlamentares verdes votaram contra o governo.

Apesar das crises, o partido ampliou sua participação no parlamento (55 cadeiras num parlamento reduzido nesta eleição), conquistando 8,6% dos votos nas eleições de 2002. Esse crescimento foi creditado à percepção de que o debate interno sobre a guerra no Afeganistão havia sido mais honesto e aberto do que em outros partidos e Hans-Cristian Ströbele – um dos quatro parlamentares que votaram contra a presença de tropas alemães na coalizão liderada pelos EUA e contra as leis “antiterror” elaboradas pelo ministro Otto Schily – foi o primeiro candidato dos verdes eleito diretamente para o *Bundestag*³³.

Na parte organizacional, houve uma proposta que visava estabelecer uma discussão sobre a participação de parlamentares na Executiva partidária (órgão máximo de discussão e deliberação do partido). A proposta foi derrotada em duas convenções seguidas, não sendo alcançados os 2/3 necessários para promover alterações estatutárias. Dessa forma, os dois

³³ A Alemanha adota o sistema distrital misto, onde metade dos parlamentares são eleitos através de votações diretas em distritos eleitorais e a outra metade é composta por indicação em uma lista apresentada pelos partidos, proporcional à votação nacional recebida.

porta-vozes, Fritz Kuhn e Claudia Roth, que haviam sido eleitos parlamentares, tiveram que renunciar aos seus cargos internos.

Devido ao acirramento das posições sobre a questão, em 2003 foi realizado o segundo referendo da história dos verdes alemães (o primeiro havia sido sobre a fusão com a Aliança 90). Dos 57% dos filiados que votaram no referendo, 67% votaram a favor de uma mudança estatutária, que permitiu que parlamentares fossem eleitos para até 2 das 6 vagas da Executiva.

Nas eleições de 2004 para o Parlamento Europeu, os verdes conquistaram 13 das 99 vagas alemães, com Daniel Cohn-Bendit liderando a lista partidária após ter sido eleito em 2000 pelos verdes franceses³⁴.

Nos 25 anos de partido comemorados em janeiro de 2005, a revista *Der Spiegel* celebrou o fato de que os Verdes tenham mantido pouco de seu programa original (com exceção da oposição à energia nuclear – ainda que relativizada – e da importância da igualdade de gênero dentro das instâncias partidárias)³⁵. Neste ano, o partido celebrou o fechamento de uma usina nuclear e continuou como principal defensor de uma Lei Anti-Discriminação, de direitos para as minorias e imigrantes, no *Bundestag*, e conquistou 8,1% dos votos e 51 cadeiras no parlamento. Devido às grandes perdas da SPD, voltou à condição de oposição, após o estabelecimento da coalizão de união nacional entre democratas-cristãos e a social-democracia.

Durante os seus anos de existência, o partido verde alemão conquistou uma enorme influência no panorama político alemão. Entretanto, durante essa existência o partido enfrentou uma luta velada e permanente entre os que classifico como “reformistas” e “idealistas”, que nem sempre correspondem às descrições da imprensa.

As duas trajetórias individuais mostram que não é tão fixa assim a supremacia dos reformistas sobre os idealistas, tão propagada pela imprensa e tão lamentada pelos *fundis*. Para um partido reformista é curioso perceber que seu maior trunfo eleitoral individual tenha sido obtido por um idealista. Hans-Christian Ströbele foi novamente eleito diretamente em 2005 e é hoje um dos principais expoentes do partido, que tem atualmente 46.000 membros,

³⁴ Daniel Cohn-Bendit é uma das figuras mais emblemáticas do ecologismo mundial. Notório líder estudantil das manifestações estudantis de maio de 1968, em Paris, possui nacionalidade franco-alemã e foi o primeiro parlamentar europeu a ser eleito por dois países diferentes. Defende a legalização da maconha e do haxixe e apoiou a intervenção da OTAN no conflito na região albanesa do Kosovo, em 1999. Para mais informações sobre ele: http://en.wikipedia.org/Daniel_Cohn-Bendit.

³⁵ *Happy 25th Birthday Greens. What's the Plan Now?*. Claus Christian Malzahn, *Der Spiegel*, 13 de Janeiro de 2005.

10% a menos do que na fundação (e que só englobava a região da antiga Alemanha Ocidental).

4.2. Partido Verde Ecologista del México: pragmático e indigenista.

Surgido a partir de uma ONG de defesa ecológica, o Partido Verde Mexicano foi fundado em 1986, mas só obteve o registro partidário em 1991 com o nome de “Partido Verde Ecologista del Mexico”, o PVEM³⁶.

Incentivado e dirigido por Jorge Gonzalez Torres, um empresário ex-filiado do PRI, o PVEM disputou as eleições de 1988 dentro da Frente Democrática Nacional, de centro-esquerda e lançou Gonzalez candidato a presidente em 1994. É destaque o fato de Gonzalez Torres ter visitado comunidades indígenas que nunca haviam recebido um candidato a presidente.

Focado em ações e leis ambientais, o PVEM aumentou sua base eleitoral e em 1997 (com o slogan *"no votes por un político, vota por un ecologista"*), transformando-se na quarta força eleitoral do país.

De acordo com as leis partidárias mexicanas, essa posição lhes garantia uma grande quantidade de recursos financeiros e tempo nas rádios e televisões. A boa participação eleitoral e a inserção na sociedade através de inúmeras ações ambientais como a doação de um avião quadrimotor para um projeto de tartarugas marinhas e a contratação de uma equipe especializada na medição da camada de ozônio, levaram o PVEM a sofrer o assédio dos três grandes partidos mexicanos (PRI, direita; PRD, centro-esquerda; e PAN, centro-direita).

Em 2000, participou da coligação que elegeu Vicente Fox (PAN) presidente do país, depois de 75 anos de domínio *priista*. Insatisfeitos com a repartição dos cargos públicos, os verdes romperam com o governo já em 2001. Jorge Gonzalez Torres abandonou a vida partidária, deixando seu legado para Emilio Gonzalez Torres, seu filho, que em 2004 foi envolvido como alvo de denúncias de corrupção gravíssimas³⁷.

³⁶ As informações sobre o PVEM foram retiradas do site oficial do partido: <http://www.pvem.org.mx> e de: <http://es.wikipedia.org/PVEM>.

³⁷ “(...) Jorge Emilio ha enfrentado serias acusaciones de corrupción cuyo punto culminante fue el video presentado en 2004 en el cual se le veía negociando un permiso municipal en Cancun para una construcción en zona de reserva ecológica a cambio de 2 millones de dólares. El declaró que el video fue sacado de contexto, toda vez que el video no fue presentado en completo, siendo el final del mencionado video la negativa de él a

De 1997 a 2000 é outro destaque que Jorge Gonzalez Torres tenha sido o principal incentivador e financiador da Federação de Partidos Verdes das Américas e da formação de partidos ecologistas na África.

Nas eleições federais de 2003, o PVEM se aliou parcialmente com o PRI, Partido Revolucionário Institucional, que havia sido derrotado pela aliança PAN/PVEM em 2000. Os dois partidos formaram a “Alianza para Todos” e o PVEM elegeu 17 deputados e 5 senadores. A partir daí, os dois partidos têm formado uma aliança em quase todas as eleições regionais. Na eleição estadual no Estado do México, a “Alianza” propôs a pena de morte para sequestradores.

Em 2005, o ex-deputado local da Cidade do México, Arnold Ricalde de Jagger³⁸, rompeu definitivamente com o PVEM, depois de uma série de lutas internas e na justiça pela exigência de mais “democracia” nos processos de escolha do partido. Segundo sua carta de desfiliação (enviada em 2005), essa luta interna antes de sua saída oficial foi uma tentativa de “democratizar (...) [e] reestabelecer os equilíbrios que existiam no partido, entre o pragmatismo político (...) e a ecologia, que é a ideologia do partido”³⁹. E ainda que, apesar de reconhecer “avanços” (o órgão eleitoral mexicano promoveu algumas reformas estatutárias visando democratizar os processos de decisão partidários), estes não foram “suficientes para considerar-se como um partido ecologista em relação ao resto dos partidos verdes do mundo”.

Nesse mesmo ano, o PVEM lançou Bernardo de la Garza como candidato a presidente para as eleições de 2006, que iniciou uma forte campanha de publicidade na TV, promovendo iniciativas ambientais e de combate à corrupção. Porém, no final de 2005, o partido retirou a candidatura de Garza e apresentou Roberto Madrazo, do PRI, como seu candidato.

participar en un acto ilícito, siendo entonces un video editado y presentado para acusarlo de algo que en realidad el buscaba evitar, sin embargo ante la opinión pública no ha logrado el mejoramiento de su imagen.” – Retirado de: http://es.wikipedia.org/wiki/Jorge_Emilio_Gonz%C3%A1lez_Mart%C3%ADnez.

³⁸ Quando parlamentar ficou conhecido por sua luta contra as touradas e por projetos legislativos de conservação dos recursos hídricos. O conheci em 1999, no encontro *Green Millenium*, realizado em Oaxaca/México. Ainda não era parlamentar, e era um dos representantes do PVEM na reunião da Federação dos Partidos Verdes da América. Quando o reencontrei, numa reunião internacional de jovens ecologistas, preparatória para o *Global Greens*, em 2001, era parlamentar e foi uma das estrelas do evento. Naquela época já estava envolvido numa intensa disputa para democratizar os mecanismos de decisão do PVEM e, no evento principal, não participou como representante e foi repreendido pela direção por ter dado entrevistas a um jornal australiano sem consultar o partido. Não disputou a reeleição e atualmente é dirigente da Organização Não-Governamental Organi-K. Meu último encontro com Arnold foi em 2005, pouco depois de sua desfiliação, no Rio de Janeiro. Com um discurso muito mais “ecocêntrico”, holístico e descrente da ação partidária, pareceu bem distinto da imagem de reformista que me passou em 2001, que articulava com entusiasmo idealismo e ação institucional, e praticamente oposto da imagem de promissor quadro partidário do PVEM que tive em 1999.

³⁹ Arnold enviou sua carta de desfiliação por e-mail em 24 de maio de 2005.

Hoje em dia, o PVEM é o partido político com o maior número de indígenas e mulheres com representação política e assumindo mandatos parlamentares do país, bem como contribuiu para o aprimoramento da legislação e da conscientização ambiental no México.

Ainda que possua características conservadoras e que suas alianças dentro do espectro político mexicano sejam realizadas com o partido mais tradicional do país, dialoga com muita desenvoltura com princípios fundadores clássicos do ecologismo, como a questão de gênero e os direitos indígenas.

4.3. Green Party of Aotearoa New Zealand (Nova Zelândia): românticos e bons de voto.

A trajetória pessoal de Jeanette Fitzsimons se entrelaça com a história dos verdes neozelandeses em diversos momentos⁴⁰. Em 1972, quando leu numa praia da Córsega – durante sua estada na Europa, entre 1967 e 1974 – o manifesto do Partido dos Valores, imaginou ser a primeira pessoa a ler aquela plataforma política naquela parte do mundo.

Quando retornou à Nova Zelândia, virou uma ativista de tempo integral e em 1977 assumiu como porta-voz para questões energéticas do partido e chegou a ser candidata ao parlamento por duas vezes.

Sobre aquele tempo, ela destaca que o local de maior votação do Partido dos Valores em diversas eleições foi o distrito mais pobre do país, e a segunda maior votação foi num dos distritos mais ricos do país. Segundo ela, isso significava que o “Partido dos Valores representava uma dimensão diferente na política (...) – eles estavam dizendo algo bem diferente daquilo que falava tanto a direita quanto a esquerda”.

Entretanto, depois de ser o precursor dos partidos verdes no mundo, o Partido dos Valores praticamente deixou de existir entre 1979 e 1989, existindo mais “em espírito do que na prática”, segundo a história oficial apresentada no *site* do partido.

Em 1982, Jeanette renunciou ao seu cargo de porta-voz para as questões energéticas, acreditando não haver espaço para um partido ecologista na Nova Zelândia sob o então sistema eleitoral aplicado, que dificultava a eleição de candidaturas de pequenos partidos. Ela então voltou a ensinar estudos ambientais na Universidade de Auckland.

⁴⁰ As informações sobre Jeanette Fitzsimons foram retiradas de http://en.wikipedia.org/Jeanette_Fitzsimons. As informações históricas dos verdes neozelandeses do site oficial do partido em: <http://www.greens.org.nz>

Em maio de 1990, uma fusão entre o que havia restado do Partido dos Valores e novos grupos ecologistas fundou o *Green Party of Aotearoa New Zealand*⁴¹. Disputaram a primeira eleição seis meses depois, conquistando 7% dos votos, mas ficaram fora do parlamento devido ao sistema eleitoral neozelandês, que desconsiderava partidos sem votação espalhados pelo país. Ainda assim, esse feito levou os Verdes a conquistar o melhor resultado de um pequeno partido na Nova Zelândia. Nesse mesmo ano, o marido e o filho de Jeanette concorreram a uma vaga no parlamento pelo novo partido.

A reforma do sistema eleitoral⁴² levou os Verdes a uma aliança partidária com outros quatro partidos. Jeanette assumiu um dos cargos de vice-líder partidário e em 1995 assumiu a co-liderança⁴³ do Partido Verde. Ainda dentro da “Aliança”, os Verdes disputaram as eleições gerais de 1993 e as de 1996, a primeira sob novas regras eleitorais, quando conquistaram três cadeiras no parlamento (incluindo Jeanette, a número 3 da lista) e mais de 20 representantes em governos locais, incluindo uma prefeitura.

Em 1997, os Verdes saíram da “Aliança” e concorreram com uma lista separada em 1999. Apesar dos ataques proferidos contra as candidaturas de Jeanette Fitzsimons (número 1 da lista do Partido Verde), Sue Bradford e Nandor Tanczos, o partido conquistou 7 cadeiras no parlamento, obtendo 5,2% dos votos.

Under MMP:



A vote for
JEANETTE FITZSIMONS

- Opposes Replacement of single lane Kopu Bridge
- Supports immediate legalisation of cannabis and education programmes for school children on 'safe' cannabis use
- Voted against tougher penalties for home invasion
- Opposes international trade
- Would scrap Airforce and Navy

=



will help elect
SUE BRADFORD

- Professional Protestor
- Unemployed for years
- Opposes community work for unemployed
- Faced over 15 charges for assault of police, obstructing police, obstruction of justice, assault, trespass, resisting arrest and breach of bail
- Avowed Communist and Marxist

+



and
NANDOR TANCZOS

- Rastafarian, Leader Wild Greens
- Openly supports sabotage and breaking of the law
- Co-ordinated vandalism of Canterbury research crop
- Imported safety kits for Ecstasy use in New Zealand
- Opposes prisons
- '96 Cannabis Party candidate
- Greens Justice spokesperson

THINK BEFORE YOU VOTE

Authorized by M.Law, 71 Seddon Road, Hamilton

Figura 4: “Pense antes de votar”: panfleto distribuído em Coromandel, cidade de Jeanette Fitzsimons, contra candidatos da lista dos verdes.

⁴¹ Aotearoa é o nome original do território onde atualmente se encontra a Nova Zelândia, dado pelos nativos.

⁴² A partir dali a Nova Zelândia passou a adotar o sistema proporcional de votação. Até então, o sistema eleitoral neozelandês era o chamado “first past the post”, que privilegia os mais votados.

⁴³ A liderança partidária é dividida em duas, uma vaga para uma mulher e uma para um homem.

Um dos sete parlamentares eleitos e um dos mais atacados pelos adversários, Nandor Tanczos⁴⁴ é filho de um exilado do regime comunista húngaro e já havia sido candidato, só que pelo Partido da Cannabis, em 1996. Inicialmente influenciado pela música punk e pela filosofia anarquista e mais tarde pelo rastafarianismo, sempre considerou difícil se identificar como sendo de “esquerda”, embora se considere um “coletivista”.

Depois de estudar na Inglaterra e dedicar seu tempo entre apoios a greves de mineiros e fazer parte do comboio da paz do *British Free Festival*⁴⁵, ele retornou à Nova Zelândia em 1987. Depois de se formar em Ciências Sociais, envolveu-se com o NORML (National Organisation for the Reform of Marijuana Laws), uma organização internacional de apoio à legalização da maconha.

Quando foi candidato em 1996, o Partido da Cannabis conquistou 1,6% dos votos. Devido a “vários problemas internos”, Nandor deixou o partido e, em 1999, no dia em que o Partido Verde deixou a “Aliança”, ele se filiou aos verdes. Na conferência que decidiu pela separação da “Aliança”, Nandor pediu a palavra e perguntou por que o Partido Verde não atraía os jovens. O co-líder partidário, Rod Donald, disse para ele então iniciar um grupo de jovens no partido e Nandor passou a se dedicar à formação dos *Wild Greens* (Verdes Selvagens). Um dos primeiros projetos do grupo consistiu em ir às festas e danceterias, para a realização de testes em pílulas de *Ecstasy*⁴⁶ para definir o que cada um estava consumindo. Como porta-voz dos *Wild Greens*, Nandor organizou também a *Critical Mass* em Auckland, um protesto internacional contra automóveis que consiste em ocupar as ruas com bicicletas e outros veículos não-motorizados⁴⁷.

Em 1999, pouco antes de ser eleito parlamentar pela lista do Partido Verde, Nandor liderou a destruição promovida pelos *Wild Greens* das plantações de batatas transgênicas na *Universidade de Lincoln*. Segundo ele, o objetivo da ação era pedir “uma moratória sobre (...) comidas geneticamente modificadas até que sua segurança seja assegurada”. Disse ainda, que a ação “foi muito bem planejada”, já que os *Wild Greens* não eram “vândalos destruindo plantações aleatoriamente”. Para ele, as pessoas teriam “o poder e o direito de realizar tais

⁴⁴ As informações sobre Nandor Tanczos foram retiradas do site http://en.wikipedia.org/nandor_tanczos, do site <http://www.nandor.net.nz> e do site do Partido Verde: <http://www.greens.org.nz>.

⁴⁵ O British Free Festival é um festival contracultural realizado durante o solstício de verão nas ruínas do Stonehedge. Maiores informações em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/entertainment/music/3662921.stm>.

⁴⁶ Droga produzida a partir do MDMA (Meta-Anfetamina), vendida em formato de pílulas.

⁴⁷ Para maiores informações sobre a Critical Mass, ver: http://en.wikipedia.org/wiki/Critical_Mass.

protestos (...), [os] governos buscam retirar o poder das pessoas mas é direito das pessoas tomar esse poder de volta”.

Em 2002, o Partido Verde conquistou 7% dos votos, elegeu 9 parlamentares, sendo Jeanette novamente a primeira da lista e Nandor o quarto. Em 2005, Nandor ficou em sétimo na lista e como o partido, 5.07% dos votos nacionais, conquistara apenas seis cadeiras no parlamento, ele ficaria de fora. Mas, em novembro de 2005, com a morte de Rod Donald, colíder do partido, ele assumiu novamente uma cadeira.

Mesmo no seu terceiro mandato como parlamentar, Nandor continua a perceber o Parlamento como um “mundo artificial que é mais um facilitador para a mudança do que um fim em si mesmo”. Para ele, “o Parlamento cria espaços para outras pessoas fazerem coisas; nós não somos mais importantes do que isso”.

Em seu quarto mandato, Jeanette está preocupada pelo fato de que essa função tem significado uma utilização constante de viagens aéreas e deslocamentos de carro. Dessa forma, limitou suas idas a sua fazenda de produtos orgânicos em Coromandel a uma vez por semana. Para ela, “ser verde certamente não é forçar seu estilo de vida aos outros, mas sim mostrar como pode ser possível viver um rico e satisfatório estilo de vida com menos impacto na natureza”.

As trajetórias de Jeanette e Nandor não são exceções entre os verdes neozelandeses. Pacifistas, ecofeministas, antigos militantes do Partido dos Valores, formam a bancada de parlamentares mais próxima da primeira bancada nacional dos verdes alemães, seja alimentando o espírito radical das ações diretas seja com uma ligação estreita com os movimentos sociais.

Essa aproximação com o ativismo radical não os deixa fragilizados eleitoralmente, pelo contrário, fortalecem e ampliam os resultados eleitorais do partido. Mesmo com a queda de votação constatada na última eleição parlamentar, os verdes da Nova Zelândia são protagonistas da política nacional, como a terceira força política do país.

4.4. Green Party of Canada: do idealismo ao pragmatismo.

Não há exemplo mais paradigmático na disputa entre correntes do que o Partido Verde do Canadá, o primeiro partido ecologista das Américas. Fundado em 1983, contou com 200 pessoas no seu congresso fundador⁴⁸.

Já no início houve uma profunda divisão entre os que defendiam a organização de uma estrutura nacional e os que defendiam uma organização biorregional⁴⁹. A maioria dos convencionais optou por uma estrutura descentralizada e horizontal, sendo o primeiro líder registrado do partido, Trevor Hancock, indicado somente para cumprir a exigência da lei eleitoral canadense. Uma norma interna impedia que o líder registrado falasse como porta-voz ou representasse o partido.

Durante esse período inicial cresceu a questão sobre redefinir a política a partir do partido ou disputar o jogo democrático de acordo com as regras do sistema eleitoral vigente. O debate foi tão intenso que quase levou o partido a um colapso em meados dos anos 1980. Permaneceu quase inativo até meados da década de 1990, sendo mantido basicamente pela seção da Columbia Britânica⁵⁰, quando o partido começou a realizar mudanças significativas na sua forma de organização. Em 1996, aconteceu a histórica convenção que alterou o estatuto interno, centralizando o poder e acabando com a proibição do líder registrado de atuar como porta-voz ou representante do partido. As políticas também foram ampliadas e o partido criou o seu próprio *shadow cabinet*, espécie de gabinete político das oposições com o objetivo de definir propostas para as diversas pastas de governo.

Três anos antes da convenção, a notória ativista pacifista Joan Russow entrou para os verdes canadenses na província da Columbia Britânica em 1993, e venceu a eleição interna de 1997 para líder do partido com 52% dos votos, vencendo Jim Harris, de Ontario (39%). Russow ficou conhecida pela sua cruzada que acabou banindo as orações religiosas obrigatórias dos colégios. Na década de 1990, ela passou a ser também uma ativista ambiental, conseguindo importantes vitórias em batalhas jurídicas contra empresas poluidoras.

⁴⁸ As informações sobre os verdes canadenses foram retiradas de: http://en.wikipedia.org/Green_Party_of_Canada, de Joan Russow de: http://en.wikipedia.org/Joan_Russow e de Jim Harris, de: http://en.wikipedia.org/Jim_Harris.

⁴⁹ O bioregionalismo é uma corrente de pensamento que defende a adoção de critérios ecológicos (como bacias hidrográficas e ecossistemas) para definir a organização regional.

⁵⁰ A seção da Columbia Britânica é relacionada sempre aos verdes mais “progressistas”, é o estado canadense que tem Montreal como capital.

Nas eleições parlamentares de 2000, o partido lançou candidatos em todas as províncias do país, menos em Newfoundland e em Labrador. Nos dois distritos, Russow se recusou a dar o apoio partidário para candidatos locais identificados com a caça de animais e a atividade mineiradora. O fato causou novo estremeamento entre idealistas e pragmáticos, bem como acentuou as diferenças regionais dentro do partido.

Nos protestos antiglobalização de 2001, Joan Russow foi a primeira pessoa presa e colocada na prisão construída especialmente para ativistas, por ter tentado tirar fotos do local. Ela sempre promoveu o partido verde como líder do movimento antiglobalização, em particular os movimentos anti-corporações e pacifistas, mas foi duramente questionada pelo apoio do Partido Verdes alemão ao bombardeio em Belgrado, em 1999 (ver ítem 4.1). Como uma boa parcela dos militantes do PV canadense também apoiava a guerra, sua liderança foi colocada em cheque. Com a situação insustentável politicamente e se dizendo pessoalmente indignada com a opção do partido verde alemão, o mais conhecido e ainda referência para boa parte dos verdes no mundo, Joan Russow renunciou à liderança dos verdes canadenses e saiu do partido ainda em 2001.

O candidato derrotado por Russow nas eleições internas de 1997, Jim Harris, é um escritor *best-seller* e palestrante, inicialmente filiado ao Partido Conservador e que se transformou num verde em 1985, após a leitura de *Green Politics*, de Fritjof Capra e Charlene Spretnak. Ele foi assessor de imprensa dos verdes britânicos em 1986, de cujo partido é membro honorário.

Harris ajudou a organizar a campanha de 1990 em Ontario, quando foi candidato em Toronto. Durante a campanha vociferou contra a decisão do governo local de construir reatores nucleares. O partido recebeu 33 mil votos, 30 mil a mais do que na eleição anterior e Harris terminou na quarta colocação em seu distrito. Em 1991, ele foi candidato independente a prefeito de Toronto, apoiado num programa verde, defendendo a conservação da água, o banimento de pesticidas e um rigoroso controle de armas.

Em 1993, Harris e outros verdes de Ontario obtiveram uma importante vitória interna ao começar a alterar o estatuto e permitir a eleição de um líder de fato para o partido. Eles argumentavam que um líder de fato iria permitir aos verdes organizar-se mais profissionalmente e a apresentar mensagens nacionais na sua plataforma eleitoral, ao invés da descentralização de então. Nas eleições de 93, Harris foi o coordenador da campanha do partido verde em Toronto (capital do estado de Ontario) e recrutou 17 candidatos na região, preenchendo quase 1/3 do requerimento mínimo de 50 candidatos exigidos pela lei eleitoral.

Depois de alterarem sua forma de organização interna em 2001, os verdes de Ontario elegeram Harris para ser seu primeiro “presidente”.

Em fevereiro de 2003, após dois anos “hibernando” como partido nacional – como antigamente –, uma nova eleição para líder catapultou para o cargo, com 81% dos votos, Jim Harris, que foi eleito atendendo ao desejo da maior parte dos líderes partidários de profissionalizar o partido, levá-lo “a sério”, em suas próprias palavras.

Em 2004, na primeira eleição sob o comando de Harris, os verdes apresentaram pela primeira vez na história candidatos para todos os cargos e em todas as províncias do país. Ele liderou a mudança de orientação do partido, direcionando suas baterias exclusivamente para uma “mensagem ambientalista”. Harris costuma descrever o partido como “socialmente progressista, fiscalmente conservador”.

A plataforma eleitoral daquele ano foi construída a partir da tecnologia Wiki⁵¹ e enfatizou temas que articulavam impostos e meio ambiente, como o imposto verde, o aumento da taxa da gasolina e das terras. Também foi incluída nesta plataforma a proposta de reduzir os impostos sobre os lucros de empresas, o que causou profunda irritação nos “idealistas”. O partido conquistou a marca histórica de 4.3%, mas mesmo assim não conseguiu eleger nenhum parlamentar.

Apesar dos resultados eleitorais expressivos, a liderança de Harris não se impõe sem muitas polêmicas. Ele costuma se descrever como um “conservador ecológico” ou um “eco-capitalista” e tenta promover reformas em temas que o aproximam do ideário político da direita. Harris contratou como conselheiro um ex-dirigente do partido conservador.

Durante a eleição interna, Harris teve a concorrência do reformista Tom Manley, um proeminente líder partidário do oeste de Ontario. Manley argumentava que Harris estava levando o partido demais à direita e abandonando a tradicional ênfase dos verdes na produção local em favor de interesses dos grandes negócios. Harris venceu a eleição com uma margem ainda maior do que a de 2003 e em 2005 Manley saiu do partido e se filiou ao Partido Liberal (esquerda).

Nesse mesmo ano, um vereador verde de Richmond Hill renunciou a sua cadeira na Executiva Nacional acusando Harris de fraca liderança e má gestão das finanças do partido e

⁵¹ O formato Wiki permite a construção de obras coletivas a partir da Internet. É um chamado sistema colaborativo, no qual pessoas registradas podem realizar atualizações livremente. O exemplo mais notório desse sistema é a Wikipédia (<http://www.wikipedia.org>), enciclopédia eletrônica com mais de 4.000.000 de verbetes elaborados e reelaborados por milhares de usuários espalhados pelo mundo e em diversos idiomas.

o descreve como "*socially awkward, control-centric, and in my opinion, somewhat sociopathic*". Alguns ecologistas acompanharam o vereador com diversas renúncias e desfiliações. Foi nesse ano que foi fundado o *Peace and Ecology Party*, uma minúscula dissidência idealista.

Na trajetória dos Verdes canadenses, um primeiro momento idealista (1983-1991) é superado por uma onda reformista (1993-1999)⁵² que desemboca no choque de pragmatismo e conservadorismo de Jim Harris (a partir de 2003).

4.5. Percursos sinuosos: situando o ecologismo

O caminho que levou os verdes canadenses de um início idealista, desajeitado e confuso, com uma fraca estrutura baseada em organizações locais, autônomas e praticamente independentes entre si, até o “eco-capitalista” Jim Harris, passando pela liderança radical de Joan Russow, envolve uma intensa disputa de significados. Essa disputa representa muito do que os partidos ecologistas têm enfrentado nestes 30 anos de experiência partidária.

Ainda que compartilhem um programa comum – identificado como os cinco pilares básico dos verdes: “saber ecológico”, “justiça social”, “democracia participativa”, “não-violência”, “sustentabilidade” e “pluralidade” – os partidos e militantes verdes são constantemente envolvidos em disputas de significados sobre o que seria um olhar “verde” para tratar os mais diversos temas que freqüentam os espaços políticos e sobre as interpretações dos lemas e bandeiras fundadores do movimento, como o “ativismo de base”, a busca de uma configuração política que superasse categorias como “direita” e “esquerda”, a relação com questões comportamentais como o feminismo, homossexualismo e consumo de drogas.

Mais que uma disputa entre “conservadores” e “progressistas”, é possível perceber que em quase todos os casos analisados, os conflitos entre as distintas formas de pensar o que é ser “verde” situa e dá forma ao “ecologismo”. Os constantes processos de disputa entre essas correntes, provocam rupturas (como o Partido Ecológico Democrático na Alemanha, em 1983, mais pragmático que o original e o Partido da Paz e da Ecologia no Canadá, em 2005,

⁵² É importante ressaltar que essa “onda reformista” não é um período de prevalência da corrente “reformista” no partido e sim o resultado de uma intensa disputa que “idealistas” e “pragmáticos” desenvolveram pelo controle interno. Como não é possível identificar esse período com um ou outro lado em disputa e como as disputas eram acirradas e os lados se equívalem, as soluções apresentadas tendiam a um “meio-termo”.

mais idealista que o original) e reposicionamentos de estratégias (como a opção pragmática dos canadenses a partir do fim da década de 1990 ou a opção idealista dos neozelandeses em 1996, saindo de uma ampla coalizão para aprofundar as questões ecologistas). Dessa forma, contribuem para ampliar e definir o ecologismo como idéia política.

5. Conclusão

Entrei no Partido Verde aos 17 anos de idade, em 1995. Fui candidato a vereador por esta sigla em 1996 e depois passei por alguns órgãos da direção estadual no Rio de Janeiro, e agora sou membro do simbólico e inexpressivo Conselho Nacional. Durante minha trajetória partidária convivi, dialoguei e divergi com pessoas de diversas orientações políticas e com diferentes visões sobre o que é um partido verde.

Para um jovem idealista, seduzido pelos ideais eco-libertários dos livros de Fernando Gabeira e pela mitológica imagem dos verdes alemães nos seus anos pré-governo, foi um choque de realidade o encontro com as práticas e discursos de reformistas e pragmáticos, já dominantes no partido. A “mística” da ecologia libertária já quase não existia na política interna do partido, ainda que os conflitos entre reformistas e pragmáticos já estivessem tensionando o ambiente partidário.

No primeiro encontro nacional de que participei, em 1996, houve intensos debates sobre a reforma do programa. Um grupo capitaneado pelos “pragmáticos” de São Paulo disputava significados com os “reformistas” comandados pelo grupo político de Alfredo Sirkis (então presidente nacional do partido), Fernando Gabeira e Juca Ferreira (do PV-BA, um dos fundadores). São Paulo propunha um programa básico de fácil assimilação, Sirkis defendia um texto extenso, com os temas aprofundados. Com um forte apoio político e com uma conjuntura interna favorável, a tese “reformista” prevaleceu.

Desde 1998, depois de um acordo entre “reformistas” e “pragmáticos”, os verdes de São Paulo⁵³ assumiram o poder no partido e colocaram em prática um exitoso processo de consolidação das direções estaduais e de ampliação da base eleitoral. Uma reforma no estatuto (também fruto de uma aliança entre “reformistas” e “pragmáticos”) submeteu as direções estaduais ao poder de intervenção da Executiva Nacional, o que garante domínio absoluto da questão nacional sobre as questões locais. Hoje, o PV está organizado em todos os estados, tem vereadores em 21 capitais e ampliou sua bancada de 1 parlamentar (de 1990 a 1998) até os 13 deputados federais eleitos em 2006. Entretanto, o campeão de votos do partido esse ano foi Fernando Gabeira que, ainda que seja um clássico representante “reformista”, ainda

⁵³ Ainda que contenha alguns dos fundadores do partido, a identificação do PV-SP com a corrente “pragmática” se dá pela característica básica que marcou sua chegada ao poder interno, que é a consolidação do partido no estado, tornando-se o caminho mais exemplar da opção eleitoral. E é com a perspectiva de ampliação da base eleitoral que o Partido Verde têm trabalhado nos últimos anos.

representa dentro e fora do partido boa parte dos anseios “idealistas” como a política de drogas ultraliberal e a rejeição aos políticos chamados de “tradicionais”.

Foi em setembro de 1999, no primeiro encontro internacional de ecologistas do qual participei, no congresso da Federação dos Partidos Verdes das Américas (FPVA), em Oaxaca, México, que as diferenças entre os participantes do movimento se expuseram não como uma simples disputa entre verdes de esquerda e de direita. Foi lá que vi o vereador de Santa Mônica (EUA), Michael Feinstein, uivando para a lua celebrando a noite de lua cheia, que vi a líder canadense Joan Russow tentando convencer o motorista do caminhão da Coca-Cola a largar seu emprego devido à devastação ambiental promovida pela corporação. E também foi lá que conheci parlamentares indígenas mexicanos mostrando com orgulho a série de políticas assistencialistas que eles faziam com o dinheiro do fundo partidário, uma prática comum e legal da política mexicana. Tive contato com a história dos dois partidos verdes estadunidenses, praticamente idênticos para um observador desatento, mas com seus representantes sempre pontuando “profundas” diferenças entre as duas agremiações. Segundo os representantes da Federação dos Verdes, o *Green Party of United States* era pragmático demais e muito focado na questão ambiental, sem levar em conta a “transformação radical da sociedade”. Lendo as revistas e propostas do GPUS, elas me pareceram extremamente idealistas e assim o eram para a maioria dos verdes latino-americanos.

A luta pelos significados do que é ser “verde” envolve uma disputa interna intensa sobre discursos e práticas. A prática política está impregnada de significados que são construídos por valores e símbolos da sociedade sobre a qual se quer intervir e, no caso do ecologismo, categorias e significados universais, resultado da “dimensão global” do ambientalismo. Os partidos verdes atuam sob um “pensamento ambientalista universal” construído e amplificado ao longo dos anos através de categorias como “aquecimento global” e “qualidade de vida”, e essa expansão os diversificou e os transformou. As formas de ação utilizadas por eles são influenciadas por diferentes tipos de orientações políticas e visões de mundo e são os processos de disputa pelos significados que caracterizam o ecologismo como ideologia. Os partidos “verdes” constroem, adaptam, atualizam e revisam os seus programas e sua atuação pública a partir de processos internos que expõem visões de mundo conflitantes.

Não vejo esse caráter heterogêneo do ecologismo como exemplo de fragilidade e sim como provocador de inúmeros processos que potencializam ou reduzem conflitos, expõem ou mascaram valores e destacam ou negligenciam temas e bandeiras. Essas diferenciações não são negações das semelhanças, pelo contrário, situam, concretizam e dão forma ao

ecologismo. Essa multiplicidade é construída e realizada através das diferentes traduções que seus membros dão sobre o que é ser “verde”, baseadas em interpretações e reinterpretações das idéias “ambientalistas”..

A divisão dos verdes nos tipos que identifiquei como “reformistas”, “idealistas” e “pragmáticos” não é perfeita nem fixa, corresponde a tipos ideais, mas estas são categorias que nos ajudam a compreender mais profundamente os atores sociais que fazem parte deste “universo”. Através da análise das trajetórias partidárias e individuais, foi possível perceber que todas essas correntes influenciam de alguma forma os discursos individuais e coletivos dos partidos. E, mais que isso, elas se freqüentam e se relacionam constantemente, definindo os sentidos do ecologismo. Um partido idealista pode ser eleitoralmente competitivo e ter senadores pragmáticos, assim como um partido pragmático pode se orgulhar de ter a maior bancada feminina de um país conservador, e um partido reformista pode governar um país alimentando discursos idealistas de sonhos por um lado e estratégias pragmáticas de outro.

Essa freqüentação é o resultado de inúmeros esforços empenhados em definir a ecologia como instrumento de ação política. Ao contrário das correntes marxistas, ortodoxas, sectárias e referentes a nomes e símbolos históricos (seja em nome de um “trotskismo” ou em nome do “operariado”), as correntes do ecologismo são heterodoxas e flutuam por valores e visões de mundo diversas, devido ao caráter plural do ambientalismo. Ainda assim, seria impossível não perceber semelhanças de discursos entre Wangari Maathai, Jim Harris, Joshcka Fischer, Nandor Tanczos e Sarney Filho.

Da mesma forma que um Jim Harris pode parecer muito pragmático para um verde neozelandês, também pode parecer um idealista na visão de um verde africano ou ainda apenas um reformista para um verde alemão. São conceitos fluidos, relativos e flexíveis, mas que são presentes e vivos na política verde. É isso que faz com que os pragmáticos canadenses tenham o sistema de elaboração de programas eleitorais mais democrático que o dos idealistas neozelandeses. Ou que um idealista seja o maior sucesso eleitoral dos reformistas alemães.

Bibliografia

BREDARIOL, Celso & VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Política Ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CARNEVALE, Fabiano. **Cósmicos e Esclarecidos: o Partido Verde nas eleições municipais de 2000**. Trabalho de fim do curso “Partidos Políticos no Brasil”, orientado por Karina Kuschnir, UERJ, 2000.

_____. **A Internacional Verde: Identidades e Práticas dos Partidos Ecológicos**. Trabalho de fim do curso “Antropologia e Meio Ambiente”, orientado por Rosane Prado, UERJ, 2001.

CASTELLS, Manuel. **O Verdejar do Ser: o movimento ambientalista In: O Poder da Identidade - Economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

DOBSON, Andrew. **Green Political Thought**. London: Routledge, 2000.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora UNB, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Ideologia como Sistema Cultural In: A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **Uma Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001.

GLOBAL GREENS. **History by Party**. Disponível em:

http://www.globalgreens.info/history_by_party.php .

KUSCHNIR, Karina. **Política, Cultura e Espaço Urbano In: VELHO, Gilberto (org.). Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

HERCULANO, Selene. **Do Desenvolvimento (in)suportável à sociedade feliz In: GOLDEMBERG, Miriam (Coord.). Ecologia, Ciência e Política**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

PÁDUA, J.A. (org.). 1987. **Ecologia e Política no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Espaço e Tempo / IUPERJ, 1987.

PRADO, Rosane. **Depois que entrou o imbamba: Percepção de Questões Ambientais na Ilha Grande** ". 22ª. Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília/DF, 2000.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: NUNES, E.O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.